



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

PSICOLOGIA CORPORAL E PNL: MUDANÇA DE HISTÓRIA PESSOAL

Ismael Rolim Dreger

Léa Schmatz Back

Amanda Rolim Dreger

Orientadores: Antônio Roberto de Souza Henriques

Alessandra da Silva Eisenreich Henriques

RESUMO

Para a Psicologia Corporal, existe uma relação entre corpo e mente, de forma que a todo bloqueio psíquico corresponde um bloqueio corporal. A linha corporal trabalha na diminuição desses bloqueios por meio de massagens, respirações e exercícios físicos específicos, que têm por objetivo afrouxar as couraças, mitigando a neurose. Por sua vez, a programação neurolinguística (PNL) estuda a estrutura da experiência subjetiva, criando métodos para ampliar as representações de mundo do paciente, através de mudanças estratégicas em seus mapas mentais. Para tanto, atua nos seus diversos sistemas representacionais (visual, auditivo, cinestésico, olfativo, gustativo e digital), a fim de que o paciente alcance uma expressão congruente nas suas diversas formas de comunicação (verbais e não verbais). O presente trabalho visa a demonstrar a complementaridade das duas abordagens, traçando algumas relações entre elas e dando algumas sugestões de aplicação prática.

Palavras-chave: Bioenergética, Corporal, Neurolinguística, PNL, Reich

1. INTRODUÇÃO

O trabalho sistemático de Reich com a análise do caráter o levou a “perceber a íntima relação mente-corpo e a descobrir que toda couraça psíquica possui um equivalente somático, uma couraça muscular”, que são indivisíveis (VOLPI e VOLPI, 2003-b). A Psicologia Corporal atentando para a relação entre o corpo e a mente, busca diminuir os bloqueios corporais por meio de massagens, respirações e exercícios físicos específicos, que têm o objetivo de afrouxarem as couraças, mitigando as neuroses e liberando o fluxo energético natural. As ferramentas utilizadas nesse trabalho são a análise de caráter, a vegetoterapia caracterioanalítica, a orgonoterapia, a análise bioenergética, etc., sendo Wilhelm Reich o precursor, com desenvolvimento posterior por outros autores, como Federico Navarro, na linha pós-reichiana, e Alexander Lowen, neo-reichiano (VOLPI e VOLPI, 2003-a, 2003-b e 2003-c).

Por sua vez, a programação neurolinguística se funda na ideia de que nós, “... como seres humanos não operamos diretamente no mundo” (BANDLER e GRINDER, 1977, p. 27).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Na verdade, atuamos a partir de representações do mundo, que criamos ao selecionamos, nas nossas experiências, um conjunto de informações, filtradas a partir de nossas restrições neurológicas, sociais e individuais (Bandler e Grinder, 1977, pp. 28-34). É como se fizéssemos um **mapa** do mundo, que nos permite compreendê-lo e atuar nele. O'Connor e Seymour (1995, p. 22) destacam que “Os mapas são seletivos, incluem algumas informações e excluem outras, mas são valiosos na exploração do território”, entretanto “O mapa não é o território que ele descreve”, pois “Prestamos atenção aos aspectos do mundo que nos interessam e ignoramos outros”. Dependendo da forma como o paciente constrói seus mapas, ele pode ter mais ou menos escolhas em relação à forma como compreende o mundo, como se sente, age e se expressa. Em partes da vida em que o paciente enfrenta escassez de escolhas, o mapa pode ser alterado de modo que lhe seja útil, abrindo possibilidades que antes não lhe estavam disponíveis.

No presente trabalho, procuramos traçar algumas relações entre a terapia corporal e a programação neurolinguística (PNL), demonstrando que essas são metodologias complementares e que podem se potencializar reciprocamente.

2. BREVES COLOCAÇÕES SOBRE A TERAPIA CORPORAL

Reich, inicialmente um integrante da escola da psicanálise, desenvolveu métodos próprios para ajudar seus pacientes, observando que o modo como estes se expressavam (e não apenas o conteúdo) trazia informações importantes para o trabalho terapêutico. Essa percepção, em um primeiro momento, fez com que Reich desenvolvesse a “Análise do Caráter”, distanciando-se da análise do sintoma adotada pela psicanálise. Seu objetivo foi compreender o indivíduo como um todo, **não apenas pelos seus conteúdos expressos, mas também pelos seus maneirismos** (VOLPI e VOLPI, 2003-a, p. 98). Segundo José Henrique Volpi e Sandra Maria Volpi:

A resistência de caráter não se expressa em termos de conteúdo, mas de **forma**: o comportamento típico, o modo de falar, de andar, de gesticular e os hábitos característicos (como o indivíduo sorri ou escarnece, se fala de maneira coerente ou incoerente, o quanto é polido e o quanto é agressivo). O indício da resistência de caráter não está naquilo que o paciente diz ou faz, mas no modo como fala e age. Também não está no que ele revela em sonhos, mas no modo como ele censura, distorce, condensa, etc. (grifei). (VOLPI e VOLPI, 2003-a, p. 99).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Essa concentração na forma da expressão e da organização da experiência é compartilhada pela programação neurolinguística.

Em relação ao modo de trabalho do terapeuta, destacam-se, na corporal, os *actins* da vegetoterapia, que “... são movimentos específicos propostos pelo terapeuta ao paciente, cujo objetivo é provocar uma mobilização funcional dos segmentos do corpo que se encontram encouraçados” (VOLPI e VOLPI, 2003-b, p. 117), e a massagem reichiana.

Por sua vez, Alexander Lowen, embasado nas ideias de Reich, desenvolveu a Bioenergética, criando exercícios específicos que “buscam recuperar a saúde traduzida em vibração e vitalidade” (VOLPI e VOLPI, 2003-c, p. 131). Trata-se de “um rico instrumento para o trabalho em grupo, no qual a Análise do Caráter pode ou não estar presente” (Ibidem, p. 131).

3. PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA

No âmbito da programação neurolinguística, um dos primeiros trabalhos sistemáticos foi a criação do **metamodelo linguístico** aplicável à terapia, desenvolvido a partir de estudos de gramática transformacional (isto é, a gramática envolvida nas transformações de frases, por exemplo, com expressão ou supressão de elementos, alteração da ordem das palavras, transformação de verbos em substantivos, etc.). Trata-se de um “meta” modelo porque tem por objeto a própria linguagem, que é, em si, um modelo de mundo (é, assim, um modelo do modelo). O metamodelo é neutro, pois enfoca a **forma** da estruturação das frases, independentemente do conteúdo expresso:

O metamodelo para terapia, que desenvolvemos e apresentamos aqui, é, como afirmamos repetidamente, um modelo formal. É, especificamente, formal em dois sentidos da palavra:

1. é um modelo que é explícito – isto é, descreve, passo a passo, o que é a estrutura do processo de terapia;
2. é um **modelo que trata da forma, não do conteúdo**. Em outras palavras, o metamodelo é neutro em relação ao conteúdo do encontro terapêutico. (grifei). (BANDLER e GRINDER, 1977, p. 195).

A **estrutura superficial**, que é a frase expressa pelo paciente, é uma versão empobrecida de sua representação linguística mais completa, a **estrutura profunda**. O metamodelo linguístico é uma estratégia expressa para a recuperação da informação



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.> Acesso em: ____/____/____.

eliminada, distorcida ou generalizada na estrutura superficial, religando o paciente com a sua estrutura linguística profunda.

A transformação de uma representação linguística profunda em estrutura superficial passa pelos processos universais de modelagem, cuja identificação é necessária para a recuperação da informação: **1) a eliminação** (“... onde o modelo que criamos é reduzido em relação à coisa modelada” – BANDLER e GRINDER, 1977, p. 86); **2) a distorção**, que se manifesta especialmente através de nominalizações (“... processo transformacional complexo pelo qual uma palavra-processo ou verbo na Estrutura Profunda aparece como uma palavra-evento, ou substantivo” – Ibidem, p. 105) e de pressuposições (“... suposições básicas que empobrecem seu [do paciente] modelo e limitam suas opções para enfrentar a situação” – Ibidem, p. 127); **3) a generalização** (“... pode empobrecer o modelo do paciente por ocasionar a perda dos detalhes e riqueza de suas experiências originais”, a exemplo do emprego de palavras sem índices referenciais, das relações de equivalência complexa e dos verbos incompletamente especificados - Ibidem, pp. 112-127).

Prestando atenção a esses processos de modelagem, o terapeuta ajuda o paciente a recuperar sua representação linguística mais completa (estrutura profunda) ao desafiar as eliminações, distorções e generalizações existentes na sua estrutura superficial (isto é, nas frases verbalizadas), especialmente através de perguntas (para mais detalhes, ver: BANDLER e GRINDER, 1977, Capítulo 4).

As frases verbalizadas pelos pacientes podem, ainda, ser **semanticamente mau-estruturadas**, como nos seguintes casos: **1) causa e efeito**, que “... envolve a crença, por parte do falante, de que uma pessoa (ou conjunto de circunstâncias) pode desempenhar algum ato que necessariamente faça com que outra pessoa experimente alguma emoção ou estado interior” (Ibidem, p. 130); **2) leitura de mente**, que “... envolve a crença, por parte do falante, de que uma pessoa pode saber o que a outra está pensando e sentindo, sem uma comunicação direta por parte da segunda pessoa” (Ibidem, p. 141).

E para que servem essas categorias? Em suma:

O que aqui estamos propondo é que haja um **subconjunto de frases bem-estruturadas do inglês que possamos reconhecer como bem-estruturadas em terapia**. Este conjunto, o conjunto das frases que são bem-estruturadas em terapia e aceitáveis por nós, terapeutas, são frases que:

- (1) são bem-estruturadas em inglês, e
- (2) não contêm eliminações transformacionais ou eliminações inexploradas na porção do modelo na qual o paciente não experimenta escolha.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

- (3) Não contêm nominalizações (processo → evento).
- (4) Não contêm palavras ou locuções sem índices referenciais.
- (5) Não contêm verbos incompletamente especificados.
- (6) Não contêm pressuposições inexploradas na porção do modelo na qual o paciente não experimenta escolha.
- (7) Não contêm frases que violem as condições semânticas de boa-estruturação.

Ao aplicar estas condições de boa-estruturação às Estruturas Superficiais do paciente, o terapeuta tem uma estratégia explícita para induzir modificação no modelo do paciente. **Ao utilizar estas condições gramaticais adequadas para terapia, os terapeutas enriquecem-lhes o modelo, independentemente da forma particular de terapia que exerçam.** (grifei). (Ibidem, p. 83).

Resta claro, assim, que o metamodelo linguístico é uma ferramenta útil para desafiar as verbalizações do paciente, independentemente do tipo de terapia específico que se utilize. Mas não é só isso. A compreensão acerca dos processos universais de modelagem humana permite desafiar-se a própria estrutura profunda do paciente, ajudando-o a religá-la com sua **estrutura de referência**, que é “... a soma total de todas as experiências que o paciente tem acumuladas do mundo” (Ibidem, p. 195). Tais experiências abrangem, além da **linguagem verbal (auditivo digital)**, também **imagens mentais, informações auditivas analógicas** (como a tonalidade, o ritmo, o volume, etc.) e **sensações corporais** (inclusive olfativas e gustativas).

Sem pretensão de exaustão, Bandler e Grinder pontuam alguns dos elementos de uma **estrutura de referência** completa e bem estruturada:

1. **o contexto** – o que está acontecendo no mundo (isto é, na representação do mundo que o paciente tem);
2. **os sentimentos do paciente** em relação ao que está acontecendo no mundo (conforme representado);
3. **as percepções do paciente** sobre o que os outros estão sentido em relação ao que está acontecendo no mundo (conforme Ré e representado). (Ibidem, pp. 197-198).

Soma-se a isso, a representação acerca de como o paciente se sente em relação aos seus próprios sentimentos: a **autoestima** (Ibidem, p. 198). Cada um desses quatro componentes se manifesta nas três formas de representações temporais, isto é, no modo como o paciente está representando agora (no momento presente) suas experiências **passadas, presentes e futuras** (esta última corresponde às suas expectativas daquilo o que será o resultado do seu comportamento).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Para desafiar a estrutura de referência, podem ser utilizadas inúmeras técnicas, de diversas linhas terapêuticas, sendo sugeridas por Bandler e Grinder, exemplificativamente: **1)** o reviver instantâneo das experiências, com **encenação** (“... técnicas que envolvem o paciente na dramatização de uma experiência real ou fantasiada”, apenas com o paciente ou também com outros participantes – Ibidem, p. 202); **2)** a **fantasia dirigida** (“... processo em que os pacientes empregam sua imaginação para criar nova experiência para si mesmos” – Ibidem, p. 205); **3) vínculos terapêuticos duplos** (“... situações, impostas ao paciente pelo terapeuta, em que qualquer resposta por parte do primeiro será uma experiência, ou estrutura de referência, que se encontra fora do modelo do mundo do paciente” – Ibidem, p. 208); **4) terapias que lidam basicamente com sistemas representativos corporais ou analógicos, “como as de Rolfing, bioenergética etc.”, que “desafiam e ampliam o modelo do paciente, ao operarem diretamente sobre a representação analógica que o mesmo tem do universo de sua experiência” (Ibidem, p. 212).** Nestas últimas, encontra-se mais um elo entre a PNL e as terapias corporais.

Todas essas técnicas trabalham na ampliação da representação de mundo do paciente, contudo, não se pode falar que este tenha **um** mapa, uma vez que, na verdade, toda pessoa tem **diversos mapas**. Como seres humanos, nós temos pelo menos cinco sentidos para fazer contato com o mundo: a visão (visual), a audição (auditivo), o tato, o paladar e o olfato (estes três últimos normalmente são agrupados como sensações corporais, isto é, no cinestésico). Nós somos capazes de criar representações em cada um desses cinco sentidos (analógicos), além de podermos utilizar a linguagem (auditivo digital) para representar nossa experiência em qualquer um deles (BANDLER e GRINDER, 1976, parte 1, pp. 1-26).

Quando pensamos, por exemplo, em qual é a cor da sensação de calor, podemos talvez criar uma imagem mental de um fundo vermelho, ou então de uma chama, o que envolve a tradução de uma representação cinestésica (a sensação calor) para uma representação visual (o vermelho ou a imagem do fogo). Da mesma forma, quando ouvimos o som de unhas arranhando o quadro negro, isso pode gerar uma sensação de arrepio, que é a tradução de uma representação auditiva (som) em uma cinestésica (sensação de arrepio).

Pode ocorrer de o paciente ter representações incompatíveis sobre uma mesma situação, em sistemas diferentes, o que se expressa em forma de **paramensagens incongruentes**, por exemplo, quando alguém diz “eu te amo”, em um tom suave e ritmado, mas com a testa franzida e o maxilar enrijecido (a mensagem digital e auditiva analógica são compatíveis entre si, mas não combinam com a mensagem cinestésica). A estratégia do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

terapeuta para lidar com incongruências envolve três fases: **1) identifica-las** (o que exige que o terapeuta tenha acuidade sensorial suficiente para perceber as paramensagens que não combinam); **2) separá-las em polaridades** (fazendo com que o cliente expresse de forma completa e congruente cada uma das paramensagens identificadas); **3) integrá-las**, fazendo com que o paciente adquira uma meta-posição em relação às polaridades (e, assim, criando formas de contato entre um comportamento e outro, fornecendo ao paciente escolhas) – BANDLER e GRINDER, 1976, parte 2, pp. 27-96.

De certa forma, encontra-se aqui mais um elo entre a PNL e a terapia corporal, uma vez que esta também atenta para as incongruências do paciente, embora em uma leitura mais focada nas couraças, o que pode se revelar como um rico complemento para a PNL.

4. CORRELACIONADO PNL E TERAPIAS CORPORAIS

É possível perceber a existência de fortes correlações entre a PNL e as terapias corporais reichianas, pós-reichianas e neo-reichianas: **1)** concentração de ambas na forma e não no conteúdo da expressão do paciente; **2)** atenção às incongruências entre as paramensagens transmitidas pelo paciente; **3)** metodologias que permitem a aplicação reciprocamente complementar.

Em relação à complementaridade que identificamos entre a PNL e as terapias corporais, é possível se iniciar uma sessão terapêutica individual com uma conversa com o paciente, na qual se aplique o metamodelo linguístico, para desafiar as estruturas superficiais verbalizadas pelo mesmo, recuperando-se as informações existentes na sua estrutura profunda, a qual também pode ser desafiada. Tendo-se acesso à estrutura de referência do paciente, podem-se aplicar as técnicas da terapia corporal, permitindo que o paciente libere cinestesticamente os seus bloqueios, ampliando o seu modelo de mundo.

Nesse sentido, a PNL contribui para a terapia corporal facilitando o acesso do terapeuta às representações mais profundas do paciente, ao passo que a terapia corporal permite a ampliação do modelo de mundo do paciente, naquilo o que é a sua especialidade: a representação cinestésica. A riqueza dos conceitos da Psicologia Corporal permite uma leitura precisa do paciente, atentando-se não apenas às incongruências na forma de este se expressar, mas também naquelas existentes em seu próprio corpo, que também necessitam ser integradas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

A PNL ainda apresenta alternativas ao trabalho corporal (cinestésico), uma vez que possui métodos de atuação também nos demais sistemas representacionais, quais sejam, o auditivo digital (linguagem – que é o foco do metamodelo), visual e auditivo analógico (qualidade da voz, tonalidade dos sons, ritmo, volume, etc.). Isso pode ser uma ferramenta útil, por exemplo, para trabalhar com as imagens recuperadas pelo paciente durante uma sessão de terapia corporal, uma vez que não é incomum que, no momento do acesso às sensações liberadas pelo corpo, a pessoa veja internamente imagens relacionadas com aqueles sentimentos. Tais imagens podem ser modificadas de forma apropriada, por meio da PNL, alterando-se o mapa visual interno do paciente para formas mais úteis de enxergar a situação recordada (o que significa uma mudança de história pessoal).

Dessa forma, também é possível iniciar uma sessão terapêutica (individual ou coletiva) pelo caminho inverso: utilizando-se as técnicas corporais para mobilização das coraças e acesso ao material inconsciente, com posterior utilização da PNL para resignificar o conteúdo resgatado. É o que se propõe, por exemplo, na vivência apresentada neste Congresso, em que, após a realização de exercícios corporais, se aplica a regressão estruturada da PNL, com o objetivo associar novos sentimentos (cinestésico) a sons (auditivo) e imagens (visual) desagradáveis do passado, alterando a história pessoal do indivíduo de forma alavancadora (para mais detalhes acerca da técnica da regressão estruturada, ver: BANDLER e GRINDER, 1982, capítulo 2, pp. 129-136).

A quantidade de combinações possíveis é extremamente rica e não está sujeita a catalogação exaustiva, especialmente dada a limitação de espaço do presente trabalho. Não obstante, acreditamos que as breves colocações acima possibilitam percebermos o imenso potencial dessa combinação.

REFERÊNCIAS

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **A estrutura da magia**: um livro sobre linguagem e terapia. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1977.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **The structure of magic II**. Palo Alto, CA: Science and Behavior Books, 1976.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **Sapos em príncipes**: programação neurolinguística. São Paulo: Summus, 1982.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DREGER, Ismael Rolim; BACK, Léa Schmatz; DREGER, Amanda Rolim; HENRIQUES, Antônio Roberto de Souza; HENRIQUES, Alessandra da Silva Eisenreich. Psicologia Corporal e PNL: Mudança de história pessoal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

O'CONNOR, Joseph; SEYMOUR, John. **Introdução à programação neurolinguística**: como entender e influenciar pessoas. São Paulo: Summus, 1995.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Reich**: da psicanálise à análise do caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003-a.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Reich**: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003-b.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Reich**: a análise bioenergética. Curitiba: Centro Reichiano, 2003-c.

AUTORES e APRESENTADORES

Ismael Rolim Dreger / Porto Alegre / RS / Brasil

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS; Terapeuta Holístico Corporal pelo Centro de Treinamento Holístico (CTH), Porto Alegre/RS; Formação em Programação Neurolinguística (PNL) pelo Instituto Neurocom, Porto Alegre/RS.

E-mail: ismael.dreger@gmail.com

Léa Schmatz Back / Porto Alegre / RS / Brasil

Mestre e Bacharel em Administração de Empresas pela PUCRS; Terapeuta Holística Corporal pelo Centro de Treinamento Holístico (CTH), Porto Alegre/RS,

E-mail: lea_back@hotmail.com

CO-AUTORA

Amanda Rolim Dreger - Graduada em Design de moda, Mestre e Doutoranda em Marketing, formação em Reiki, terapeuta holística em treinamento.

ORIENTADORES

Antônio Roberto de Sousa Henriques / Porto Alegre / RS / Brasil

Orgonoterapeuta, Especialista em Psicologia Corporal Reichiana - (Centro Reichiano - Curitiba/PR) Terapeuta de Vidas Passadas, Acupunturista, Professor de Terapias Alternativas, Diretor do Centro de Treinamento Holístico em Porto Alegre.

E-mail: antonioterapeuta@hotmail.com

Alessandra Eisenreich Henriques / Porto Alegre / RS / Brasil

Bioterapeuta, com especialização em Psicologia Corporal (Centro Reichiano - Curitiba/PR), graduanda em Psicologia. Diretora do Centro de Treinamento Holístico em Porto Alegre/RS

E-mail: nani0212@yahoo.com.br